

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”
5º WORKSHOP SOBRE RESTAURAÇÃO FLORESTAL
25 E 26/08/2016
Karine Silva Madruga Nº USP: 9075550

Seção 1: Ecologia da restauração

Palestra 1: Entendendo os aspectos ecológicos, legais e sociais da relação água-floresta com importância para serviços ecossistêmicos – Dra. Paula Meli ESALQ/USP

A palestra começou enfatizando os serviços ecossistêmicos, que são aqueles que dão benefícios para a sociedade, como produção de alimentos, de água, estoque e sequestro de carbono, conservação da biodiversidade, entre outros. Esses serviços podem ser classificados em: provisão, regulação, suporte e cultural. Pode-se dizer também que esses serviços envolvem a parte ecológica (chuva, vegetação, solo); social (educação ambiental) e legal (esquemas de certificação, acordos, legislação).

Além disso, mostrou-nos que algumas pessoas conseguem perceber que esses serviços ecossistêmicos são de extrema importância para a sociedade, entretanto grande parte da população não tem essa percepção, precisando então da educação ambiental, que mostrará à sociedade como funciona e a necessidade dos serviços ecossistêmicos. De acordo com a percepção da sociedade, começam os pagamentos por determinados serviços ecossistêmicos, ou seja, Pagamento por Serviços Ambientais (PSA).

A restauração florestal melhora o estado do solo, da água, da floresta, entre outras características que afetam nos serviços ecossistêmicos, por isso a necessidade de restaurar áreas que tem o potencial para melhorar a qualidade de vida, não só essas áreas, como locais onde foram desmatados sem necessidade.

Palestra 2: Dê tempo ao tempo: Padrões globais e priorização espacial em restauração florestal – Dr. Renato Crouzeilles UFRJ

Nessa palestra foi dito de variáveis que interferem no sucesso da restauração florestal, como: histórico de uso do solo, existência de fragmentos de mata próximo ao local que será restaurado, quais os dispersores que estão em atividade, disponibilidade de água, clima, sociedade entre outros. Mostrando que todos esses fatores interferem no tempo que a floresta vai levar para alcançar a proximidade ao que era antes de ser devastada e no custo da restauração. Além disso, foi comparado restaurações em pequenas, médias e grandes áreas, citando custo e tempo para chegar ao objetivo final.

Foi citada a questão da restauração florestal em conjunto com o IDH dos países, dizendo que dependendo do IDH o país tinha a restauração como algo relacionado à poluição. Essa questão envolve a educação que foi dada a população, podendo citar que a educação ambiental é necessária para a conscientização da importância da restauração ou do não desmatamento.

Palestra 3: Diferenças e semelhanças entre florestas estabelecidas pela regeneração natural e restauração ecológica – MSc. Ricardo G. César ESALQ/USP

Nessa palestra, o Ricardo buscou fazer com que questionássemos sobre a necessidade de plantio em restauração florestal, trazendo características de áreas que foram restauradas aproveitando o potencial da regeneração natural. Algumas áreas é preciso apenas o manejo para que a floresta se restabeleça com menor custo, sem o plantio de mudas ou com apenas algumas mudas plantadas, como enriquecimento da área. Para isso, foram citados fatores bióticos e abióticos que devem ser analisados no diagnóstico da área.

Seção 2: Métodos de restauração florestal

Palestra 4: Semeadura direta de adubação verde para do uso de herbicida na restauração – Dr. André Gustavo Nave (BioFlora)

A palestra iniciou explicando o que era adubação verde, que é uma prática agrícola que utiliza algumas espécies (girassol, guandu, nabo) para auxiliar no desenvolvimento de outras. Ou seja, essas espécies auxiliam na recuperação do solo, na descompactação do solo, na reciclagem de nutrientes, menor variação térmica do solo, na redução de ervas daninhas devido à competição, proteção das plantas contra o vento e radiação solar.

A intenção da adubação verde é que as espécies (nabo, guandu, girassol) cresçam, sombreando espécies de interesse e em seguida morram para servirem de adubo, na ciclagem de nutrientes. No começo, a floresta com adubação verde fica com um aspecto feio, porém, quando começa a germinação, as árvores se desenvolvem de maneira mais rápida e “saudável”. Além disso, tem também a intenção da diminuição do uso de compostos químicos, como herbicida.

Palestra 5: O que se planta na restauração da Mata Atlântica? – Prof. Ricardo Viani UFSCar

De acordo com dados, em restaurações florestais da Mata Atlântica são plantadas 488 espécies de 65 famílias diferentes, incluindo 16 que são ameaçadas de extinção, isso representa aproximadamente 13% das espécies totais da Mata Atlântica, ou seja, são utilizadas poucas espécies.

Entre as espécies ameaçadas de extinção estão: araucária, pau brasil, jequitibá rosa, canela, peroba do campo e bicuíba. Entre as mais abundantes, ou seja, as que possuem maior quantidade de indivíduos, estão aroeira pimenteira, angico, paineira e ingá. Entre as mais frequentes, ou seja, as que mais aparecem nos plantios, estão aroeira pimenteira, angico, paineira, cedro rosa e pitanga.

Foi explicada a diferença entre espécies de diversidade e recobrimento, na qual as espécies de recobrimento são aquelas que possuem o desenvolvimento rápido, copas grandes, enquanto as espécies de diversidade são espécies que demoram a se desenvolver, que são normalmente plantadas depois que as espécies de recobrimento já se desenvolveram um pouco.

As espécies pioneiras são as mais comuns nos plantios de restauração, que as vezes é um grande erro, pois assumem que espécies pioneiras são

espécies de recobrimento e no final, grande parte delas pode ser espécies de diversidade.

Além disso, foi citada a importância de plantar igualmente espécies zoocóricas e não zoocóricas, porém, em plantios de restauração na Mata Atlântica deveriam possuir mais espécies zoocóricas. Foram dados alguns conceitos e a importância dos mesmos para a restauração, conceitos como espécie estruturante, espécie recobridora, espécies dioicas.

Palestra 6: Impactos ecológicos do uso e colheita de eucalipto na recuperação da Reserva Legal – MSc. Carina C. Silva ESALQ/USP

Primeiramente, foi dito a parte de legislação sobre o uso do eucalipto em reservas legais. A partir disso, alguns estudos foram desenvolvidos em consórcios de eucalipto com nativas, resultando em aspectos positivos quando colocam duas linhas de eucalipto com nativas, não prejudicando muito estatisticamente as linhas de nativa quando há colheita das linhas de eucalipto.

Palestra 7: Reintrodução de epífitas em plantio de restauração florestal – Frederico Domene ESALQ/USP

Nessa palestra foi mostrado que são utilizadas apenas espécies arbóreas em plantios de restauração florestal, porém, o objetivo da restauração na maioria das vezes é que a floresta volte a apresentar o aspecto que ela tinha antes de ser desmatada. Com esse conceito em mente, florestas não possuem apenas espécies arbóreas, possui também epífitas, espécies arbustivas, entre outras. Portanto, o foco dessa palestra foi demonstrar a importância de implementar a restauração florestal diversos tipos de vida vegetal, com ênfase nas epífitas.

As epífitas são aquelas que usam as árvores apenas como suporte, compostas por aproximadamente 3000 espécies, nas quais 40% são orquídeas e 14% bromélias.

Seção 3: Aspectos socioeconômicos e políticas públicas

Palestra 8: Avaliação econômica de projetos de restauração – Silvana Nobre (Atrium Forest)

Nessa palestra enfatizou-se a diferença entre economia da restauração e restauração econômica, na qual a restauração econômica envolve produtos florestais madeireiros, não madeireiros e serviços ecossistêmicos, enquanto a economia da restauração é baseada em não trazer impacto na economia do proprietário rural.

Além disso, foram ditas algumas espécies nas quais são possíveis obter renda, para que o produtor tenha um benefício econômico com a restauração florestal.

Palestra 9: Programa Nascentes: Envolvimento de pequenos e médios proprietários rurais na restauração – MSc. Isabel Fonseca Barcellos SMA/SP

Primeiramente foi mostrado um pouco do Código Florestal e suas dificuldades com os pequenos e médios produtores rurais. Também foram mostradas as diversas leis que envolvem uma restauração em conjunto com o programa. Em seguida, contou sobre o Programa Nascentes, que foi desenvolvido para proteger nascentes, recursos hídricos, entre outros objetivos, como conservar a biodiversidade. Para isso o programa pretende restaurar diversas matas ciliares.

Palestra 10: O PRA no Estado de São Paulo como ferramenta para promoção da restauração – Rafael Barreiro Chaves SMA/SP

Nessa palestra esclareceu-se dúvidas sobre o modo como está funcionando e como deverá funcionar o PRA (Programa de Regularização Ambiental). Explicando que o mesmo é um conjunto de ações que deverão adequar e promover a regularização ambiental, e que dentro desse programa possui o CAR (Cadastro Ambiental Rural), necessidade de recomposição de áreas degradadas, termos de compromissos e o CRA.

Palestra 11: Unindo esforços para avançar a restauração no Brasil: A Sociedade Brasileira de Restauração Ecológica – Luiz Fernando Duarte EMBRAPA

Foi dito sobre a criação da Rede Brasileira de Restauração Ecológica, em 2010, que envolve todo o Brasil, onde as pessoas que possuem vontade de contribuir para o avanço da ciência e da prática da restauração de ecossistemas são bem vindas para participar dessa rede.

E depois comentou sobre a criação da Sociedade Brasileira de Restauração Ecológica (SOBRE).

Seção 4: Restauração em larga escala

Palestra 12: Potencial de recuperação natural de área agrícola visando a restauração em larga escala – Sebastião Venâncio Martins UFV

Nessa palestra foi dito sobre áreas que foram desmatadas e estão em desuso pois a área não é própria para produção agrícola ou pastoril, nas quais são desmatadas e não são alteradas. Essas áreas possuem um potencial elevado de regeneração natural, pois é uma área que não foi mecanizada, não foram usados produtos químicos no local, ou seja, é uma área que não precisava ter sido desmatada.

Quando conta com a ajuda da regeneração natural, a restauração florestal barateia, pois não há necessidade do plantio total de mudas, não há necessidade da compra de insumos, entre outras vantagens.

Palestra 13: Aplicações de LIDAR para o monitoramento remoto de projeto de restauração – Eric Bastos Gorgens UFVJM

O LIDAR é um novo instrumento que possibilita o desenvolvimento do monitoramento remoto de projetos de restauração com maior frequência e facilidade, envolvendo um sistema tridimensional, pois o monitoramento é importante para saber como que está se desenvolvendo a restauração. Além disso, o que vai ajudar usar o LIDAR é o monitoramento de grandes áreas, pois

o modo convencional de monitoramento, que envolve inventário, não seria possível medir toda a floresta, ou, se fosse, demoraria muito.

Palestra 14: Mapeamento de métodos de restauração em escala nacional - Marcelo Matsumoto (WRI: World Resources Institute)

Essa palestra mostrou como analisar, com recursos tecnológicos, o potencial da área para realizar determinado tipo de restauração, enfatizando que um dos maiores problemas da restauração é o tempo e o custo, porém existe uma lei a ser cumprida que impõe a quantidade de recuperação e de floresta que deve possuir na propriedade.

Conclusão

Com o evento, foi possível perceber que o tema da disciplina em si Políticas Públicas, Legislação e Educação florestal são assuntos em alta atualmente, porém é preciso de um incentivo para que a população participe mais de assuntos como o Código Florestal, CAR, PRA, entre outros, pois esses são criados pensando, além da conservação e outros fatores, no bem-estar da sociedade.